

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

As laudationes de apuleio de madaura à luz da cultura material: a territorialização do teatro de cartago como espaço de poder do orador e do filósofo (Séc. II d.C.)

The laudationes of apuleius of madaura in the light of material culture: the territorialization of the theater of carthage as a space of power for the orator and the philosopher (2nd century AD)

Belchior Monteiro Lima Neto¹

Edjalma Nepomoceno Pina²

Resumo: Em Cartago, entre as décadas de 160 e 180 d.C., Apuleio fez do teatro citadino seu espaço frequente de declamações públicas, onde se notabilizou como orador e filósofo, estabelecendo relações de *amicitia* com diversas autoridades. Em consonância com tal fato e por intermédio da análise dos dados fornecidos pela cultura material e pela obra *Florida*, propomos discutir o modo como Apuleio se apropriou do edifício como uma importante arena de promoção de sua identidade como um *vir* ilustre. Em grande medida, defendemos que a escolha do local seguiu uma lógica de resignificação do espaço, a fim de torná-lo um *território de poder* sob a autoridade do autor madaurense.

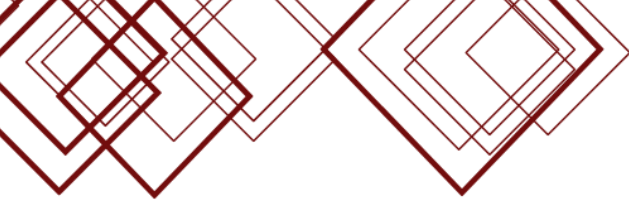
Palavras-chave: Cartago. Teatro. Apuleio.

Abstract: In Carthage, between the 160s and 180s A.D., Apuleius made the city theater his frequent space for public declamations, where he became notable as an orator and philosopher, establishing *amicitia* with various authorities. In line with this fact and through the analysis of data provided by material culture and by *Florida*, we propose to discuss the way in which Apuleio appropriated the building as an important arena for promoting his identity as an illustrious *vir*. To a large extent, we argue that the choice of location followed a logic of resignification of space, in order to make it a territory of power under the authority of the author from Madaura.

Keywords: Carthage. Theater. Apuleius.

¹ Professor adjunto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), do qual é Coordenador pelo biênio 2021-2023. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir-ES). E-mail: belchior67@hotmail.com.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação do Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto. Bolsista Capes. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir-ES). E-mail: edjalma.contato@gmail.com.



Apresentação

Nas últimas décadas, o registro arqueológico se tornou fonte fulcral para a História, em especial para os estudos concernentes ao Mundo Antigo, sempre dependentes do incremento dos dados fornecidos pela cultura material, que são, atualmente, analisados à luz de referenciais teóricos que os situam na complexidade das interações sociais, fato que induz o próprio acréscimo de reflexões sobre a questão da espacialidade.³ A partir dos anos 1970, na esteira do *spatial turn*,⁴ uma série de publicações tratou de alargar o entendimento sobre o espaço, tornando-o um objeto consolidado de problematizações das ditas humanidades e um elemento afim de investigação interdisciplinar que aproximou os conhecimentos produzidos por historiadores, arqueólogos, geógrafos, entre outros pesquisadores.⁵ Não à toa, os ambientes urbanos, rurais, públicos e domésticos deixam de ser tratados apenas como locais onde ocorrem acontecimentos e passam a ser estudados como artefatos fundamentais para se compreender os fenômenos sociais. O espaço é percebido, a partir de então, como uma *estrutura estruturante*, isto é, ao mesmo tempo que determinado pelas ações humanas que o concebem e o constroem, ele conforma um quadro de referências, possibilidades e limites à própria agência dos indivíduos (REDE, 2012, p. 145; ALDROVANDI, 2009, p. 10-15). Como observado por Meneses (1983), o espaço não pode mais ser perspectivado como um ente inerte e passivo, mas sim como um ator essencial e ativo do devir histórico.

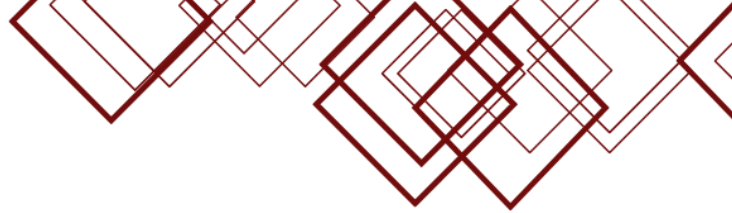
145

A interação entre o espaço e os seres humanos, como propõe Amos Rapoport (1990, p. 22), é sempre uma relação dialógica e historicamente construída. Segundo o autor, a despeito da proposta inicial de um determinado monumento no ato de sua idealização e construção, este é integrado ao cotidiano por intermédio de um processo de apropriação e ressignificação, no qual diferentes grupos acrescentam-lhe novas camadas de interpretação, podendo, inclusive, colocá-lo sob a sua autoridade, num processo concebido por Raffestin (1993) como territorialização. Territorializar, por conseguinte, seria um ato de poder e de assimilação de um lugar a uma determinada autoridade, seja ela formal ou simbolicamente instituída. Em outras

³ Acerca da historiografia que se debruça sobre o espaço e a cultura material como elementos essenciais de investigação, vide Rede (2012).

⁴ Em português, *giro espacial*, é um termo que designa a uma das várias renovações epistemológicas que ocorreram na segunda metade do século XX, tal como foi o *giro linguístico* e o *giro cultural*. O *spatial turn* teve como motor a percepção de que os processos sociais não podem ser explicados de forma satisfatória sem uma ressignificação das categorias relativas à dimensão espacial da vida social (LÖW, 2013, p. 17-34; FURLANI, 2018, p. 89).

⁵ Para uma percepção panorâmica das relações dialógicas entre história e arqueologia, vide Martins e Silva (2019).



palavras, seria o equivalente ao estabelecimento do domínio sobre um ambiente físico específico, identificando-o como um território privilegiado de atuação de distintos grupos e/ou indivíduos.

Na seara das reflexões desenvolvidas por Raffestin (1993), propomos, neste artigo, uma problematização acerca do modo como Apuleio se relacionou com o espaço do teatro de Cartago, local onde o autor empreendeu, entre os anos de 160 e 180 d.C., uma série de conferências públicas diante de “milhares de pessoas” (Apuleio, *Florida*, XVII; XVIII). A partir da obra *Florida* e dos dados arqueológicos fornecidos pelas escavações realizadas no teatro,⁶ demonstramos como a própria natureza do edifício e sua localização na *urbs* cartaginesa permitiram ao autor acumular uma gama de benefícios fulcrais para a sua inserção nos círculos aristocráticos da sociedade romana imperial.⁷ Em nossa perspectiva, o teatro de Cartago se constituiu como um verdadeiro *território de poder* para Apuleio, um local por excelência para a manifestação e a exaltação de sua identidade como orador e filósofo.⁸

Apuleius madaurensis

146

Apuleio foi um autor norte-africano nascido no ano de 120 na cidade de Madaura, interior da Numídia.⁹ Proveniente do *ordo decurionum* local, o pai de Apuleio alcançou a mais alta magistratura municipal – ou seja, o cargo de *duunvir* –,¹⁰ deixando aos filhos uma herança de dois milhões de sestércios, quantidade suficiente para ostentarem um *status* social elevado

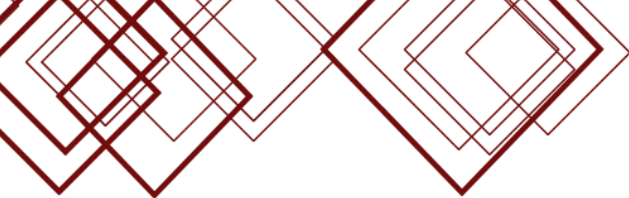
⁶ Os dados arqueológicos provenientes das escavações realizadas na cidade de Cartago e em seu teatro cidadão foram consultados a partir de Gros (1990), Guizani (2013), Norman (1988), Pedley (1980), Ros (1996) e Wightman (1980).

⁷ As elites da sociedade romana alto imperial eram compostas por três ordens hierárquicas distintas, definidas por um censo mínimo e em consonância com os interesses políticos do *Principis*, quem, em última instância, indicava os membros que formavam o *ordo decurionum*, *equester* e *senatorius*. *Grosso modo*, os senadores e os equestres constituíam uma aristocracia ligada ao estamento dirigente imperial, com cargos na burocracia administrativa e militar, sendo o censo mínimo, respectivamente, de 1 milhão e 400 mil sestércios. Já o *ordo decurionum* era formado pela aristocracia cidadina provincial, cujos membros mais proeminentes pertenciam ou já haviam pertencido à cúria de suas cidades natais. Para essa ordem, especificamente, o censo variava de acordo com a riqueza e a importância da cidade, correspondendo, normalmente, a 100 mil sestércios (ALFÖLDY, 1996, p. 174-181; SALLER, 2008, p. 817-818).

⁸ A partir das reflexões de Silva (2000) e Woodward (2000), concebemos a construção da identidade como um processo relacional, histórico e socialmente instituído pela demarcação da alteridade.

⁹ Madaura corresponde à atual Mdaurush, na Argélia.

¹⁰ Os *duunviri* eram os mais importantes magistrados de uma *civitas* romana, sendo eleitos anualmente como os responsáveis pela condução da cidade (ALFÖLDY, 1996, p. 177).



(Apuleio, *Apologia*, 24, 8-9).¹¹ Foi a riqueza paterna que proporcionou a Apuleio a possibilidade de investir em sua formação educacional, iniciando sua instrução, ainda em sua cidade natal, na escola do *litterator*, para onde eram encaminhados, a partir dos sete anos de idade, os filhos dos membros das elites cidadinas (MARROU, 1956, p. 265-266).

Entre os 11 e os 12 anos, Apuleio, como de costume para aqueles que poderiam arcar com uma educação mais refinada, foi deixado sob a tutela do *grammaticus*. Nessa etapa, os estudantes aprendiam noções de retórica, eloquência e literatura clássica, conjugadas com lições de mitologia, conhecimentos fundamentais para seu futuro como homem público e orador (OPEKU, 1993, p. 33). Com tal finalidade, Apuleio teve de deixar Madaura e se mudar para um centro de maior projeção: Cartago (Apul., *Flor.*, XVIII, 15).

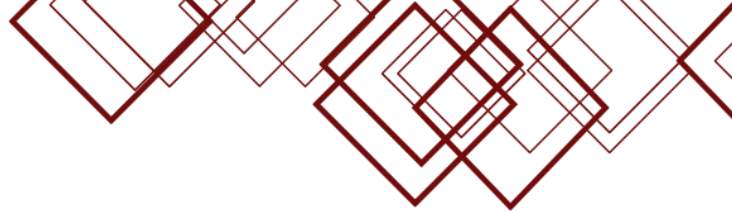
No afã de sofisticar sua *paideia*,¹² Apuleio, após terminar sua formação sob a supervisão do *grammaticus*, se encaminhou à escola do *rhetor*, em Atenas (Apul., *Flor.*, XX, 2-4), onde teria a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos filosóficos, com destaque para sua vinculação ao platonismo, como se depreende por intermédio de dois tratados posteriormente publicados pelo autor: *De Mundo*, uma síntese da cosmologia platônica; e *De Platone*, um resumo da vida e dos ensinamentos de Platão. Após completar sua formação educacional, Apuleio provavelmente se dirigiu à Roma.¹³ Na Capital do Império, o autor teria tentado a carreira de advogado, o que se supõe por intermédio da associação entre sua biografia e a do protagonista de sua obra *Metamorphoses* (XI, 26; XI, 30).

Depois de breve estadia em Roma, Apuleio retornou ao norte da África no início da década de 150, notabilizando-se como orador e filósofo. A partir deste momento, boa parte de sua biografia pode ser reconstituída por duas de suas obras, *Florida* e *Apologia*. A primeira, uma coleção de *laudationes* elaboradas por Apuleio, em Cartago, entre os de 160 e 180, apresenta-o como um orador de prestígio entre os *principis Africae viri* (Apul., *Flor.*, XVI, 35-40; XVIII, 40-43). Contudo, sua *Apologia*, um discurso jurídico de autodefesa elaborado por

¹¹ Por meio da epigrafia remanescente de Madaura, constatamos que a família dos *Apuleii* era uma das mais importantes na cidade. O fato de gravarem em pedra seus epitáfios, como sugere José d'Encarnação (2010, p. 109-120), indica uma posição social elevada e a existência de antepassados importantes o suficiente para serem lembrados e enaltecidos pelos demais cidadãos, como foram os casos de *C. Apuleius Rogatus*, *Apuleius Rufus*, *Apuleia Quarta* e *Apuleius Datianus Ponponianus*, provavelmente indivíduos com algum grau de parentesco com Apuleio e membros destacados da sociedade madaurensis (*I.L.ALG.*, 2276; 2277; 2278; 2279; 2236).

¹² Utiliza-se o termo *paideia* no sentido de uma “formação educacional fundada nos princípios da cultura clássica que tinha por finalidade incutir no homem o autocontrole, o *decorum* e o gosto pelo belo” (SILVA, 2010, p. 8).

¹³ Provavelmente antes de seguir para Roma, Apuleio teria viajado pela Ásia Menor e conhecido as regiões de Samos e Frígia, como se depreende por meio dos excertos presentes em *Florida* (XV) e *De Mundo* (326-329).



Apuleio diante do tribunal do procônsul da África, em 159, demonstra outra faceta do autor, visto que aqui ele narra sua estadia em Oea entre os anos de 157 e 159,¹⁴ cidade onde é acusado, por parte da aristocracia local, como mago, assassino e charlatão, sendo julgado por *crimen magiae* (Apul., *Apol.*, 9, 3; 25, 5).

Apuleio, como consequência de uma viagem rumo à Alexandria, chega a Oea no ano de 157. Na cidade, reencontra um antigo amigo da época em que estudara filosofia em Atenas, Sicínio Ponciano. Este último, procurando um distinto marido para sua mãe, Emília Pudentila, convenceu Apuleio a fixar residência em Oea (Apul., *Apol.*, 72, 5). Depois de várias investidas de Ponciano no sentido de estabelecer uma aproximação entre Pudentila e Apuleio, o autor madaurense aquiesceu e contraiu matrimônio com a viúva (Apul., *Apol.*, 73, 7-8). O casamento, no entanto, não foi bem-visto por parte da família do primeiro marido de Pudentila.

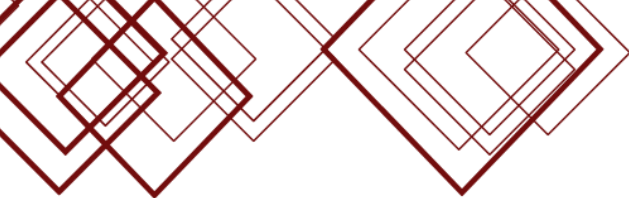
Casada anteriormente com Sicínio Amico, Pudentila, ao ser tornar viúva, estabelecera, por pressão exercida pelo patriarca da *gens Sicinii*, um compromisso de futuro casamento – *sponsalia* – com seu cunhado, Sicínio Claro, o que, em alguma medida, mantinha intactos os laços familiares que conectavam os *Aemilii* e os *Sicinii* (Apul., *Apol.*, 63, 5).¹⁵ Ao desposar Pudentila, Apuleio auxiliou no rompimento desta aliança político/familiar tradicional de duas das mais importantes *gentes* de Oea. Tal fato, ao que tudo indica, potencializou a oposição de parte da elite cidadina local contra o autor, visto como um homem *extrarius*, um estrangeiro que se intrometera em questões atinentes à composição do poder da aristocracia oeaense (Apul., *Apol.*, 68, 4). Em suma, Apuleio rompera com o lugar social reservado ao estrangeiro, sendo que seu casamento o introduziu num ambiente que originalmente não lhe era destinado.

Dentro deste contexto, observa-se, por meio da *Apologia*, o modo como a aversão contra Apuleio, em Oea, tomou a forma de uma “campanha de calúnias”, disseminada por intermédio de uma série de rumores que o depreciavam como um falso filósofo, um perigoso e poderoso mago, responsável pelo assassinato de seu enteado Ponciano e por enfeitiçar, com poções mágicas amorosas, Pudentila (Apul., *Apol.*, 28, 5). Os inimigos de Apuleio o estigmatizavam na arena pública de Oea, denominando-o como *magus*, *veneficus* e *maleficus* (Apul., *Apol.*, 1, 5; 9, 2; 9, 3; 25, 8; 26, 6; 28, 4; 68, 4; 78, 1-2; 103, 1; 69, 4; 90, 1 e ss).¹⁶ Acusavam-no de ser

¹⁴ Oea corresponde à atual Trípoli, na Líbia.

¹⁵ Segundo o *Digestum* (XXIII, I, 1), “a *sponsalia* era uma petição e uma promessa de futuras núpcias”.

¹⁶ O termo *veneficus* tinha dois distintos significados em latim. O primeiro concernente a qualquer pessoa que manipulava e/ou preparara algum tipo de *venenum* (droga, veneno). O segundo, referia-se ao ato mágico propriamente dito, independente da manipulação de qualquer filtro ou substância mágicos (COLLINS, 2008, p. 144-145).



praticante de *magia* e de utilizar *carmina* (encantamentos mágicos) no intuito de seduzir Pudentila (Apul., *Apol.*, 2, 2; 9, 2; 9, 5; 25, 4; 25, 5; 67, 3 e ss).¹⁷ Em resumo, tais rótulos, que circulavam cotidianamente no ambiente urbano de Oea na forma de boatos, foram fulcrais no processo de estigmatização de Apuleio.¹⁸

Mediante tal cenário e aproveitando-se da passagem por Sabrata, cidade vizinha a Oea, do *conventus iuridici* do Procônsul da África,¹⁹ os inimigos de Apuleio apresentaram um *libelus* solicitando oficialmente a abertura de uma *actio*. A acusação contra o autor madaurense o colocava como réu de *crimen magiae*, cuja base legal, à época, era regida pela *Lex Cornelia de Sicarii et Veneficis*, que prescrevia para quem possuísse, vendesse ou preparasse algum tipo de *venenum* com intenções homicidas a pena capital, caso fosse *honestior*, e a crucificação ou o lançamento às feras, para os *humiliores* (*Pauli Sententiae*, 5, 23, 1; *Digestum*, XLVIII, VIII, 3, 1); assim como para quem fornecesse filtros de amor ou abortivos o envio às minas (*humiliores*) ou o exílio e o confisco de parte dos bens (*honestiores*) (*Dig.*, XLVIII, VIII, 3, 5; *Pauli Sent.*, 5, 23, 14).

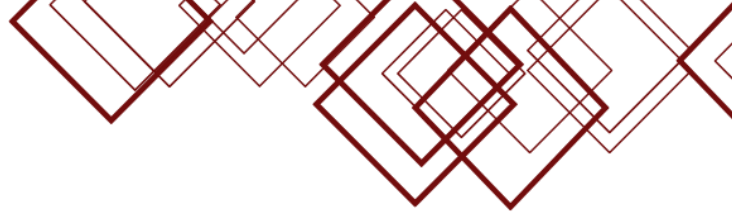
Apuleio colocava-se numa posição delicada. Via-se estigmatizado na arena pública de Oea como *magus*, *veneficus* e *maleficus*, sendo por isso levado ao tribunal proconsular e obrigado a se defender da acusação de *crimen magiae*. Seja qual tenha sido a resolução deste imbróglio, o que é seguro dizer é que Apuleio foi absolvido, uma vez que não lhe foi aplicada a pena capital ou de exílio e confisco de bens. Outro dado confiável acerca da biografia do autor é que ele, logo após o julgamento, transfere-se para Cartago. A transferência de Apuleio de Oea para Cartago pode suscitar algumas indagações. Em um delas, postula-se que o autor, mesmo absolvido pelo tribunal, não conseguiu reaver a sua honra perante a sociedade oeaense,

149

¹⁷ O termo *carmina* (encantamento) foi associado a atos de sortilégio, em Roma, desde a codificação da *Lex XII tabularum* (VIII, 1; VIII, 8a; VIII, 8b), no século V a.C. Segundo consta nessa lei, poderiam ser punidos *qui malum carmen incantassit*, ou seja, “qualquer um que lançasse um feitiço” (*Lex XII tabularum*, VIII, 1).

¹⁸ O conceito de *stigma*, assim como pensado por Goffman (1988, p. 70), caracterizaria uma discrepância entre uma identidade social virtual – determinada aos indivíduos por meio das expectativas normativas – e uma identidade social real – aquilo que as pessoas efetivamente são. Os estigmatizados seriam aqueles tidos como desajustados, não enquadrados nas normas sociais, associados a uma identidade decaída e diminuída frente àquela que é considerada “normal”. Ademais, a estigmatização é, na maioria dos casos, acionada por meio da fixação de rótulos pejorativos atribuídos àqueles que não se enquadram na definição daquilo que se considera normal e socialmente aceitável. O estigma, por conseguinte, liga-se à citacionalidade – quer dizer, à repetição constante em diferentes contextos – de determinadas adjetivações e denominações que servem para reforçar estereótipos e preconceitos sociais (SILVA, 2004, p. 24).

¹⁹ O *conventus iuridici* constituía um tribunal itinerante anualmente realizado por cada novo procônsul da África, no qual, acompanhado por um conselho formado por funcionários e *amici* (*consilium consularium virorum*), atendia-se as demandas jurídicas dos cidadãos romanos das diversas cidades norte-africanas (FOURNIER, 2009, p. 211-212)



continuando a ser estigmatizado como um *magus* perigoso, ao qual se deveria excluir.²⁰ Corroborando esta hipótese, há o testemunho de Agostinho de Hipona (*Epistolae*, 138, 19) acerca da oposição de alguns cidadãos de Oea à ereção de uma estátua em homenagem a Apuleio, que, na época, provavelmente no final da década de 160, ocupava uma magistratura de grande prestígio em Cartago.²¹ Obviamente, a afirmação de Agostinho tem que ser relativizada, uma vez que ela é tardia, elaborada entre os anos de 408 e 412, cerca de 250 anos após os incidentes vivenciados por Apuleio (RIVES, 1994, p. 275).

A despeito das especulações sobre a biografia de Apuleio, os únicos dados seguros dos quais se dispõem acerca de sua trajetória posterior ao julgamento são fornecidos por ele próprio, em sua obra *Florida*, e por uma estátua erigida em sua cidade natal. Ambas as fontes corroboram a retomada da distinção do autor, pelo menos em Cartago e em Madaura. É improvável que os cidadãos madaurenses honrassem um renomado *magus* com uma estátua em sua homenagem, muito menos escreveriam em seu pedestal a frase: “os cidadãos de Madaura dedicaram às expensas públicas essa estátua ao filósofo platônico que constitui para eles honra” (*I.L.ALG.*, 2115).²² Pode-se também duvidar que Apuleio teria solidificado uma carreira tão bem-sucedida de filósofo e orador público em Cartago, como demonstrado em *Florida*, caso sua identidade estivesse associada à magia.

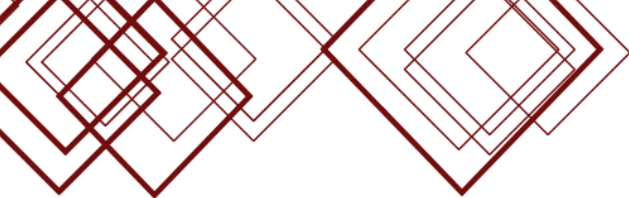
150

Em relação à *Florida*, por ser uma obra de autoria de Apuleio, ela poderia ser considerada uma fonte “suspeita”. Obviamente, o autor utilizou uma retórica de autoelogio para engrandecer os seus atos e a sua vida em Cartago. No entanto, havia limites claros à retórica de Apuleio, já que ele não poderia ser inverossímil frente ao auditório que assistia a seus discursos no teatro. Apuleio não poderia simplesmente inventar a sua consagração como orador, filósofo e sacerdote municipal, como um indivíduo digno da construção de uma estátua em sua homenagem; no máximo, ele poderia redimensionar e enaltecer o seu próprio prestígio na cidade. Desse modo, na impossibilidade de utilização de outra fonte que esclareça acerca da biografia de Apuleio na capital da África Proconsular e atentos à retórica do autor em suas performances oratórias, fiamo-nos em *Florida* como uma documentação primordial, que, entre outras informações, apresenta-nos o modo como o autor territorializou o teatro de Cartago como

²⁰ Em *Apologia* (61, 7; 87, 11), Apuleio afirmou que fora excluído do convívio diário com os demais cidadãos de Oea, tendo que se casar e residir após o seu matrimônio em uma *villa* nos arredores da cidade. Se postularmos que o discurso jurídico de Apuleio não foi bem-sucedido no intuito de reaver a sua honra, é possível que essa exclusão tenha se intensificado a ponto de o próprio Apuleio ter sido forçado a migrar para outra cidade.

²¹ Segundo Agostinho (*Epist.*, 138, 19), Apuleio ocupava o cargo de *sacerdos provinciae*, uma das mais importantes magistraturas da África Proconsular.

²² Utilizaremos a sigla I.L.ALG. para as *Inscriptions latines de l'Algerie*.



um espaço privilegiado de exaltação de sua identidade como orador e filósofo.

A territorialização do teatro de Cartago

Cartago foi uma colônia romana fundada sobre as ruínas da antiga capital púnica, no ano 29 a.C., por Otávio. Com o nome de *Colonia Iulia Concordia Karthago*, a cidade compreendia, à época, uma área estratégica de imigração e de assentamento de veteranos do exército, sendo destinada a ser o futuro centro político, econômico e religioso da África romana (ARNAUD-PORTELLI, 2002, p. 23). Em Cartago, residia o procônsul da África, funcionário de nível senatorial escolhido entre os ex-cônsules de Roma. Como sede administrativa da província, concentrava-se, em Cartago, boa parte da burocracia estatal romana, formada por funcionários de categorias diversas e por duas cortes militares encarregadas da proteção da cidade e do governador provincial (MAHJOUBI, 1985, p. 507). Por ocupar o posto de metrópole regional, em Cartago se reuniam, todos os anos, os delegados das diversas cidades africanas, que se dirigiam à capital a fim de compor o *Concilium Provinciae*, ocasião na qual deliberavam sobre questões pertinentes à província e escolhiam o *sacerdos Africae*, magistrado encarregado dos ritos devidos à Roma e da celebração do culto imperial (BUSTAMANTE, 1999, p. 328).²³

151

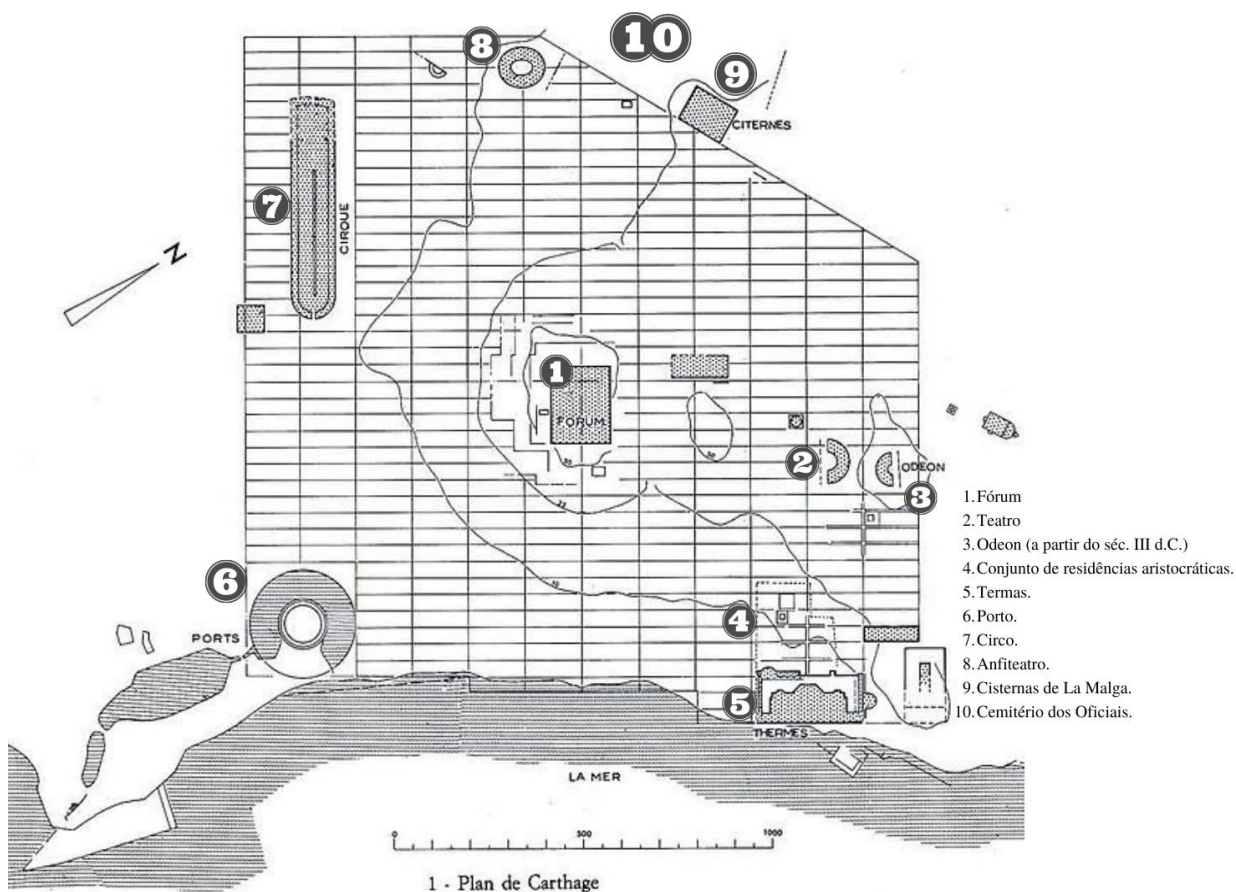
A capital da África Proconsular foi originalmente planejada em dois grandes eixos perpendiculares, centralizados na interseção do *cardus* com o *decumanus maximi* na colina de Byrsa, onde se instalara o fórum e o templo capitolino da cidade (figura 1, número 1).²⁴ Cobrindo uma área de cerca de 321 hectares, a partir destes eixos centrais e respeitando a topografia acidentada do terreno todo um quadrilátero ortogonal foi traçado, determinando os quarteirões destinados a abrigar as residências privadas e os edifícios públicos (ENNABLI, 1974, p. 22-23; WIGHTMAN, 1980). Em meados do século II, houve uma considerável reorganização do espaço urbano cartaginês, uma vez que, após um grande incêndio que havia destruído parte da cidade, Cartago foi salvaguardada por fundos imperiais que patrocinaram a restauração dos antigos edifícios e a construção de novos equipamentos públicos. Data-se da época do governo de Antonino Pio (138-161) e de Marco Aurélio (161-180) a restauração do

²³ O culto imperial se caracterizava como um meio de integração religiosa entre as distintas regiões do Império, um elemento de coesão e unidade. Evidenciou-se como uma demonstração de fidelidade ao imperador e ao próprio Estado romano, celebrando ritos em honra do gênio da família imperial e da cidade de Roma (MENDES; OTERO, 2005, p. 205-206).

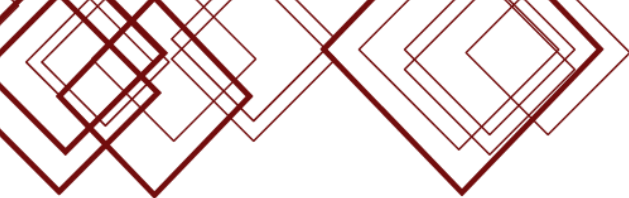
²⁴ Acerca da fundação da cidade de Cartago e de sua planificação urbanística, ver Gros (1990).

fórum e do anfiteatro e a inauguração do teatro, da basílica e das termas (ROS, 1996, p. 481-482). A ordenação desses edifícios se organizava da seguinte maneira: ao centro, no topo da colina de Byrsa, dominando a paisagem urbana, localizava-se o fórum, a basílica e o templo capitolino (figura 1, número 1); a sudeste e próximo da costa, erguiam-se as chamadas termas de Antonino (figura 1, número 5); a oeste, o circo e o anfiteatro (figura 1, números 6 e 7); a leste da acrópole, erigiram-se o teatro e o odeon (figura 1, números 2 e 3), que constituíam um conjunto arquitetônico diretamente relacionado com residências aristocráticas que perfaziam um bairro anexo (figura 1, número 4), que, por sua vez, conectavam-se às termas de Antonino (ENNABLI, 1974, p. 23; GUIZANI, 2013, p. 200-202).

Figura 1 - Planta da Cartago romana.



Fonte: Norman (1988, p. 10). Legendas de nossa autoria.



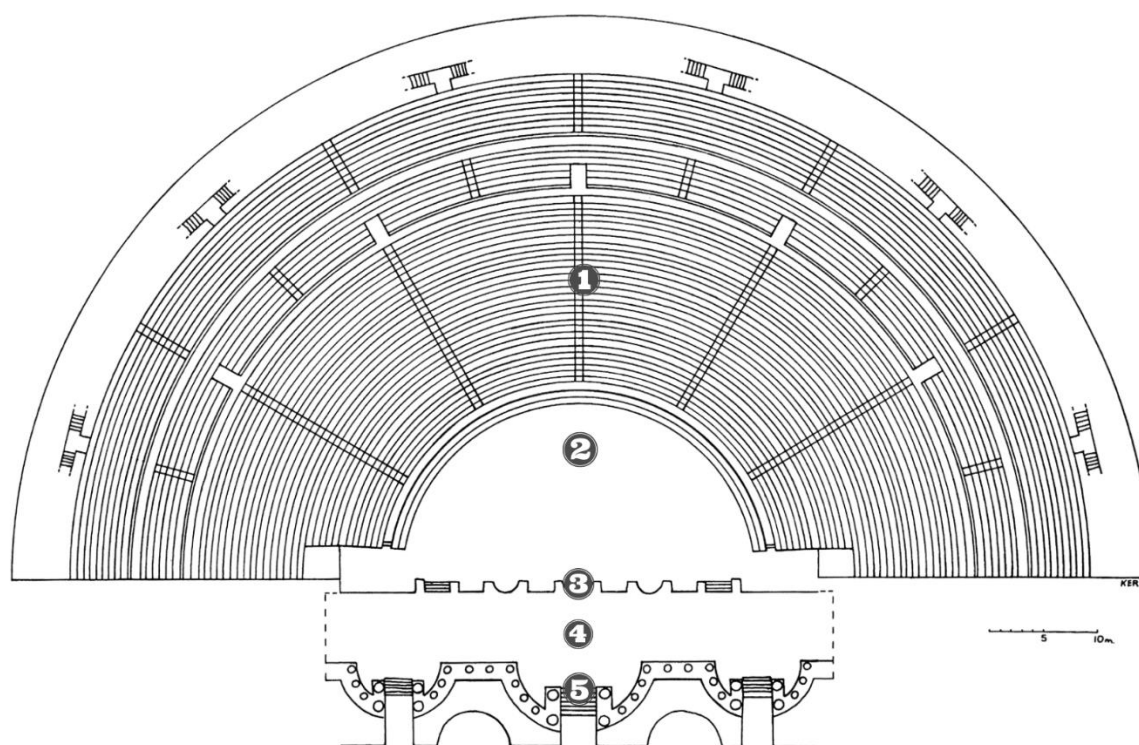
O teatro, foco de análise de nossa investigação, foi construído a meio quilômetro da colina central de Byrsa, onde por volta do século III viria a ser acompanhado pelo odeon.²⁵ O teatro de Cartago possuía capacidade para uma audiência estimada de até 11 mil pessoas (ARNAUD-PORTELLI, 2002, p. 30). Ali a comunidade cidadina apreciava apresentações cênicas e conferências filosóficas, como aquelas promovidas por Apuleio. Diferentemente do teatro grego, encravado em encostas rochosas, o romano era construído em áreas planas, à base de alvenaria. Ambos possuíam os assentos (*cavea*) dispostos em semicírculo ao redor da *orchestra*. Contudo, no caso romano, a fachada localizada atrás do *pulpitum*, geralmente referida como *scaenae*, foi unida à *orchestra*, transformando-se em um semicírculo. No caso romano, o *pulpitum* e a *scaenae* fecham os semicírculos da *cavea* e da *orchestra*, proporcionando uma sensação de recinto isolado da cidade. A sensação de isolamento se intensificava em teatros menores devido a toldos instalados sobre a *cavea*, sombreando a audiência e tornando o ambiente ainda mais fechado (SEAR, 2006, p. 1). A parede atrás do *pulpitum* costumava ser composta por nichos nos quais estátuas eram posicionadas, proporcionando uma grandiosa decoração de fundo para as apresentações que ali ocorriam. O mesmo acontecia com o pequeno muro formado pela elevação do *pulpitum*, o que chamamos de *proscenium*. Era comum que as peças estatuárias representassem divindades, o que configura apenas um dos exemplos de como o teatro estava profundamente conectado à esfera religiosa.²⁶ Tal traço é especialmente evidente em alguns teatros ocidentais, como no teatro de

²⁵ O Odeon foi um teatro coberto, preferencialmente dedicado a recitais, orações públicas e concursos musicais (KORMIKIARI, 2020, p. 151).

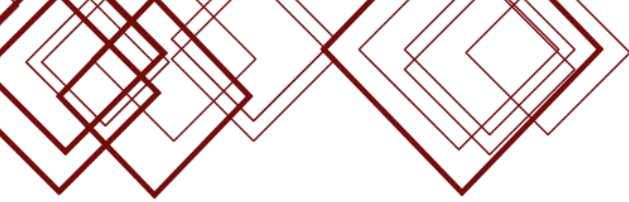
²⁶ A decoração do teatro de Cartago contava com diversas estátuas, das quais cerca de 23 fragmentos foram identificados. Dentre esses fragmentos, um se trata da cabeça de uma estátua do Imperador Lúcio Vero; 4 outros correspondem a estátuas de personalidades locais e os demais 16 dizem respeito a divindades ou figuras míticas. A grande quantidade de estátuas desse último tipo talvez se justifique pela frequência com que o espaço do teatro era ocupado por festivais religiosos. Os locais onde eram dispostas variavam entre nichos nas paredes ou espaços entre as colunas, inicialmente não previstos para a alocação de uma estátua, o que condiz com o fato de que a coleção estatuária dos teatros não compunha um programa de decoração uniforme, mas sim se expandia conforme novas estátuas eram inseridas ao sabor do contexto. O local reservado para as estátuas mais importantes era acima das três entradas do *pulpitum*, sobre as quais três nichos eram voltados para a audiência. Foi possível identificar ao menos duas das estátuas que ocuparam esses espaços privilegiados: uma estátua de Apolo, que ocupava o nicho central e media colossais 2,40 metros de altura. A outra estátua era a de Hércules, que ocupava o nicho à esquerda de Apolo (do ponto de vista da audiência) e media 1,75m. Estima-se que ambas as peças datam do início do século III e foram instaladas no teatro como parte do esforço de preparação de Cartago para receber os Jogos Píticos, honraria concedida à cidade pelo então imperador Septímio Severo. Por esse motivo é possível conjecturar que a estátua que teria ocupado o nicho da terceira entrada do *pulpitum* era de Dionísio, pois assim estariam representados no local os patronos das três principais competições dos Jogos Píticos: competições atléticas (Hércules), musicais (Apolo) e cênicas (Dionísio) (ROS, 1996, p. 484-489). Nota-se que a instalação dessas três grandes peças estatuárias é oriunda de um período posterior ao recorte cronológico e provavelmente Apuleio nunca as viu consolidadas. Contudo, trata-se de uma implementação que não teria ocorrido da noite para o dia, mas sim seria o ápice de uma sacralização do teatro que já vinha desde o tempo de Apuleio.

Pompeu, em Roma, que possuía um templo de Vênus no topo das arquibancadas. Em outros casos, como o teatro de Óstia, poderia haver um templo na parte de trás da estrutura. Em Leptis Magna, no norte da África, as duas possibilidades de templo foram acopladas ao teatro: um na arquibancada, e outro nos fundos (SEAR, 2006, p. 2). Na planta da figura 2 é possível visualizar melhor a disposição das diferentes seções que constituam o teatro de Cartago.

Figura 2 - Teatro de Cartago e seus elementos: *cavea* (1); *orchestra* (2); *proscenium* (3); *pulpitum* (4) e *scaenae* (5).



Fonte: ilustração extraída de Ros (1996, p. 451). Legendas de nossa autoria.



No teatro cartaginês, amplos corredores horizontais percorriam o semicírculo dividindo as arquibancadas em *ima*, *media* e *summa cavea* (figura 2, número 1). Cada uma dessas zonas era reservada hierarquicamente para uma parcela específica da população. As passagens de acesso eram cuidadosamente dispostas para que as diferentes audiências tivessem contato mínimo umas com as outras. Próximo ao *pulpitum* (figura 2, número 4) estava a *ima cavea*, onde se sentavam as personalidades mais influentes da cidade, talvez o público mais cortejado por Apuleio, destacando-se as figuras de alto prestígio, pertencentes ao *ordo decurionum*, *equester* e *senatorius*. Em Cartago, a autoridade máxima era o procônsul, que além de se sentar logo à frente do orador, em assento de honra na *orchestra* (figura 2, número 2), por vezes era tema de discursos laudatórios por parte de distintos oradores e filósofos, a exemplo do próprio Apuleio.

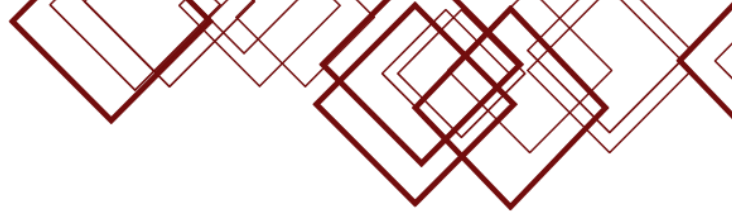
Em seus primeiros anos em Cartago, Apuleio buscou se conectar a um elevado círculo social, estabelecendo relações de *amicitia*.²⁷ Seu discurso em honra ao procônsul Cipião Órfito, cujo governo pode ser datado em 163 e 164, é ilustrativo. Na ocasião, aquilo que deveria ser uma ode à virtude do governador se inicia com uma espécie de pedido de amizade e crítica a outros filósofos que disputavam pela mesma graça:

155

Que isso seja a preocupação **daqueles que possuem o hábito de importunar governantes atarefados; daqueles que rompem o silêncio na esperança de elogios por seu talento, ansiosos por exhibir uma falsa aparência de amizade**. Ambas as práticas não são do meu feitio, Cipião Órfito, pois meu talento, por menor que seja, há muito já é conhecido mundo afora. Minhas habilidades dispensam elogios, pois **prefiro possuir a ostentar teu favorecimento e de teus pares**; prefiro aspirar a uma bela amizade a me gabar dela [...]

Além disso, desde a mais tenra juventude, sempre me dediquei incansavelmente aos estudos; e **tanto em nossa província quanto entre teus amigos em Roma, ganhei certa reputação** em virtude de meu caráter e sabedoria, algo que você pode atestar melhor do que ninguém. Minha amizade

²⁷ Apesar da importância dada à noção de *amicitia*, não havia um consenso entre os romanos acerca de sua definição (CAMPOS, 2012, p. 29). Para Cícero (*De Amicitia*, IV, 15), seria “um entendimento perfeito em todas as coisas, divinas e humanas, acompanhado de generosidade e afeição mútuas”, pautado em elementos como confiança, constância, benevolência, consenso e amor. Por trás do aspecto poético e desinteressado desse conceito de amizade, o autor deixa transparecer os benefícios políticos advindos do cultivo desse sentimento com seus pares, ao ponto de afirmar que “se, por causa da Fortuna, alguém tiver de dar seu apoio aos planos de amigos que não estão em conformidade com os preceitos da justiça, e, assim, colocam sua liberdade e sua reputação em risco, é compreensível que ele se afaste um pouco do caminho correto” (Cic., *Amic.*, XVII, 61).



é desejável para vocês, assim como a tua é para mim (Apul., *Flor.*, XVII, 1-6, grifo nosso).

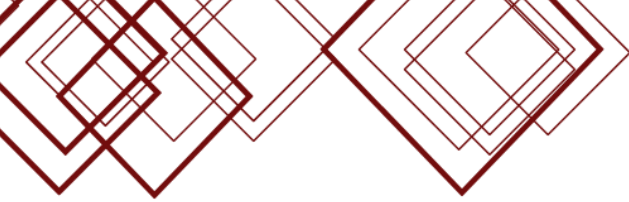
Esse excerto explicita algumas situações cotidianas vivenciadas por Apuleio, em Cartago. É evidente que há alguma animosidade entre Apuleio e outras figuras que estariam, assim como ele, cortejando autoridades públicas e sua influência. O ato de discursar ao procônsul é um ato político, que, por sinal, Apuleio lamenta que tenha ocorrido “talvez demasiado atrasado” (Apul., *Flor.*, XVII, 19). Por algum motivo, Apuleio não pôde honrar o procônsul anteriormente e, talvez por isso, utilize o argumento de que prefere “possuir a ostentar o favorecimento [do procônsul] e de seus pares”. É possível ler esse trecho como uma tentativa do autor de evidenciar, para a audiência em geral, que ele era benquisto pelas autoridades poderosas.²⁸ Essa interpretação ganha força com a menção que Apuleio faz aos amigos do procônsul em Roma: “tanto em nossa província quanto entre seus amigos em Roma, ganhei certa reputação”. Apuleio tenta, a todo momento, demonstrar que está inserido em uma ampla rede de sociabilidade, diferentemente de seus concorrentes, que apenas conseguiam “exibir uma falsa aparência de amizade”.

156

A distinção pública almejada por Apuleio em Cartago também pode ser examinada por intermédio da *laudatio* endereçada a Severiano Honorino, procônsul em 162 e 163. Nesta ocasião específica, o autor exalta publicamente sua erudição, versatilidade e fama. Mais do que homenagear o governador provincial, Apuleio sobe ao *pulpitum* do teatro citadino com a intenção explícita de elaborar uma espécie de autoelogio, demonstrando à audiência que aquele era o espaço privilegiado de sua performance oratória e filosófica:

Escrevo sátiras e enigmas, histórias variadas, discursos elogiados pelos oradores e diálogos que alegram os filósofos. Elaboro todas estas obras e outras semelhantes, tanto em grego quanto em latim, com a mesma esperança,

²⁸ Podemos inferir que a aproximação de Apuleio com as elites cartaginesas não era uma novidade deste recorte temporal. Anos antes, enquanto ainda vivia em Oea, o autor redigiu uma carta endereçada ao então procônsul Loliano Avito. A carta se tratava de uma *commendatio*, ou seja, uma recomendação ao procônsul para que recebesse como *amicus* o portador do documento. O beneficiado em questão era o enteado de Apuleio, Ponciano. O autor relata: “logo me suplicou que o reconciliasse novamente com o ilustríssimo Loliano Avito, a quem o havia recomendado recentemente, no começo de sua carreira de orador. Assim, [...] provido de uma carta minha, [Ponciano] se dirigiu a Cartago, onde, a ponto de finalizar seu proconsulado, Loliano Avito aguardava a sua chegada, Máximo. Quando leu a minha carta, Loliano [...] felicitou Ponciano” (Apul., *Apol.*, 94, 3-6; LIMA NETO, 2016, p. 154-155). Constata-se que o autor já possuía contatos e cortejava a elite de Cartago, tendo como projeto pessoal reforçar ou reaver tais relações de *amicitia*.



igual entusiasmo e idêntico estilo. Oxalá pudera eu, excelentíssimo procônsul, oferecer-te todas estas obras, uma por uma, [...] e desfrutar de teu testemunho acerca de todas as criações de minha musa. Não que eu tenha necessidade de renome, posto que minha fama, já antiga, se mantém intacta e florescente (Apul., *Flor.*, IX, 27-31).

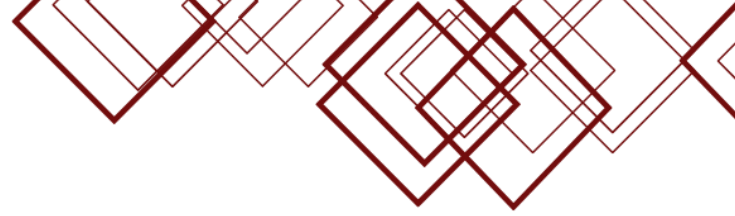
Em *Florida*, há igualmente discursos proferidos em homenagem a personagens eminentes da elite cartaginesa, que, acomodados na *ima cavea* do teatro, apreciavam a oratória rebuscada de Apuleio. Exibindo-se como um exímio orador e filósofo, Apuleio recitou pelo menos três diferentes *laudationes* a distintos decuriões: Emiliano Estrabão, Sabídio Severo e Júlio Pérsio (Apul., *Flor.*, XVI; XVIII, 40-43). Tais indivíduos eram destacados patronos e evergetas da cidade, para os quais o autor dedicava discursos públicos de louvor com a clara intenção de consolidar e celebrar a *amicitia* com alguns dos mais importantes membros do *ordo decurionum* cartaginês. Em relação a Sabídio Severo e Júlio Pérsio, Apuleio os descreve como:

157

[...] homens que estão intimamente unidos por uma grande amizade, nascida [...] do amor que sentem por todos e pelo bem público; homens que se igualam em saber, eloquência, boa vontade [...] e pelo prestígio alcançado em sua carreira política. Apesar de entre eles existir harmonia, rivalizam e lutam entre si em um único aspecto, a saber, acerca de qual dos dois ama mais a cidade de Cartago (Apul., *Flor.*, XVIII, 40-41).

No tocante a Emiliano Estrabão, a quem Apuleio conclama como futuro procônsul e um dos *principes Africae viri* (Apul., *Flor.*, XVI, 40), observa-se a elaboração de um discurso laudatório que exaltava a íntima relação de amizade que se estabelecia entre ambos, tendo Estrabão, inclusive, dedicado, às suas expensas, uma estátua em honra do autor madaurense. Sobre este ilustre cidadão cartaginês, Apuleio afirma:

O mero fato de ser amigo dele constitui, para mim, por si só, a maior das honras. Contudo, ele se converteu em meu panegirista e, em certo sentido, foi meu advogado defensor diante dos cidadãos mais relevantes da África, [...] ao impetrar uma requisição por escrito, segundo a qual solicitava um local onde erigir uma estátua [em minha homenagem] (Apul., *Flor.*, XVI, 35-37).



Tal estátua foi dedicada a Apuleio devido ao fato de ele ocupar “um cargo sacerdotal” (Apul., *Flor.*, XVI, 38). O autor, infelizmente, não oferece nenhuma informação suplementar acerca do tipo de sacerdócio que exerceu na cidade. Agostinho de Hipona (*Epist.*, 138, 19), séculos mais tarde, denominará Apuleio como *sacerdos provinciae Africae*.²⁹ Tal denominação, entretanto, pode ser contestada, uma vez que Apuleio nunca ocupou qualquer magistratura antes de sua denominação como sacerdote, o que dificultaria a posse de um cargo tão importante, destinado, de preferência, a antigos *duunviri* de *status* equestre ou senatorial (DUNCAN-JONES, 1968, p. 151-158). Provavelmente, Apuleio exerceu o *sacerdotium Aesculapii* em Cartago. Tal interpretação é sugerida pela contraposição de dados retirados de *Florida* (XVIII) e da documentação epigráfica. Em uma inscrição proveniente de Thibaris, uma pequena cidade próxima à capital provincial, observa-se Lúcio Cornélio Máximo enaltecendo sua carreira pública como *magister pagi, quaestor, decurio coloniae Iuliae Carthaginis, sacerdos Aesculapii bis* (C.I.L., VIII, 26185).³⁰ Essa inscrição evidencia a existência de um sacerdote do culto ao deus Esculápio em Cartago, fato que se coaduna com a própria afirmação de Apuleio, em *Florida* (XVIII, 37):

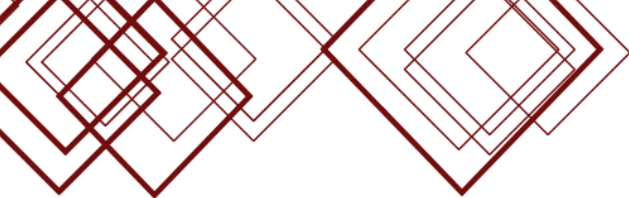
158

Ao dirigir-me a vocês, começarei com felicíssimos auspícios, invocando o deus Esculápio, que protege com seu poder indiscutível a cidade de nossa querida Cartago. [...] Não sou nem o menos conhecido de seus adoradores, nem o menos antigo de seus fiéis, nem o menos favorecido de seus sacerdotes.

O prestígio alcançado por Apuleio entre os cidadãos de Cartago pode ser aferido, além disso, pela própria audiência cativa e numerosa que lotava as dependências do teatro da cidade. Em *Florida* (XVII, 18; IX, 4), o autor observa que discursava para “milhares de pessoas”, apresentando-se diante de “um auditório tão abundante como nunca havia sido visto nas conferências dos filósofos”. Esse fato explicaria a utilização do teatro para as suas declamações, necessitando-se de um local que acomodasse um público de até 11 mil espectadores. Em alguma medida, o próprio Apuleio reivindica o espaço do teatro como seu território de performance oratória e filosófica, um lugar privilegiado para acomodar as pessoas que “se reúnem, em tão grande número, para [o] escutar, [...] e esta grande afluência de público guarda estreita relação

²⁹ Para uma lista completa dos sacerdotes provinciais da África Proconsular, atestados pelas fontes epigráficas, ver Duncan-Jones (1968).

³⁰ Utilizaremos a sigla C.I.L. para as *Corpus Inscriptionum Latinarum*.



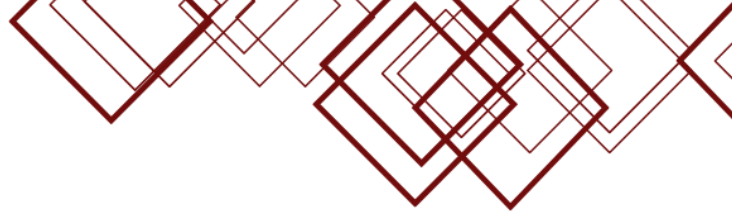
com [...] o lugar, escolhido de acordo com a massa de ouvintes” (Apul., *Flor.*, XVIII, 1-5).

A configuração arquitetônica do teatro de Cartago (figura 2) nos oferece pistas valiosas sobre por que Apuleio o reivindicou como seu território de poder por excelência. Observando a configuração do edifício, percebe-se que, do *pulpitum*, é provável que o discurso de Apuleio ecoasse pela *orchestra*, ocupada pelas mais importantes personalidades locais – governadores provinciais e membros da ordem senatorial –, e pela *cavea*, organizada hierarquicamente em fileiras destinadas às elites cidadinas e aos demais cidadãos (GRIMAL, 2003, p. 70-75; ROS, 1996, p. 452-460). A conformação física do teatro de Cartago o dotava de um caráter especialmente importante para as pretensões de Apuleio, uma vez que o prédio fora projetado para a reunião de pessoas diversas, todas voltadas para o púlpito, direcionando o olhar do público para as performances desenvolvidas diante do *proscaenium* e dando a personagens como Apuleio a possibilidade ímpar de visibilidade. Não por acaso, Apuleio, utilizando-se de sua retórica como orador e filósofo, apropriou-se deste espaço estratégico para a autopromoção de sua identidade.

159

Não pode ser relegada a segundo plano, ademais, a própria localização do teatro cartaginês na ordenação cartográfica da cidade (figura 1). O teatro, localizado a leste da colina de Byrsa, era peça central de um complexo de edifícios públicos destinados à socialização dos cidadãos, que poderiam usufruir das comodidades das termas próximas à costa, assim como dos concertos, tragédias, pantomimas e declamações de distintos oradores e filósofos protagonizados no teatro e no odeon, que à época de Apuleio ainda não havia sido construído, como se depreende pelo testemunho de Tertuliano (*De carnis resurrectione*, 42). Estes prazeres urbanos estavam, além disso, diretamente à disposição da elite cartaginesa, que construía suas residências mais imponentes nas imediações deste complexo monumental.³¹ Instalado provavelmente em meados do século II, na mesma época da reorganização urbanística da cidade, este conjunto de *domus* aristocráticas localizava-se na colina às margens do teatro, descendo em direção ao litoral e se estendendo às termas (GUIZANI, 2013, p. 201). Pode-se compreender o complexo teatro/*domus*/termas como uma região propícia para a manifestação e a exaltação da identidade dos mais destacados cidadãos cartagineses. Este local constituía uma arena pública por excelência para a interlocução, a interação e a exibição dos indivíduos, um espaço estratégico para a própria “representação do eu” (GOFFMAN, 1989). Não por acaso,

³¹ Para uma análise mais pormenorizada das residências aristocráticas que perfaziam o complexo monumental teatro/*domus*/termas, ver Guizani (2013).



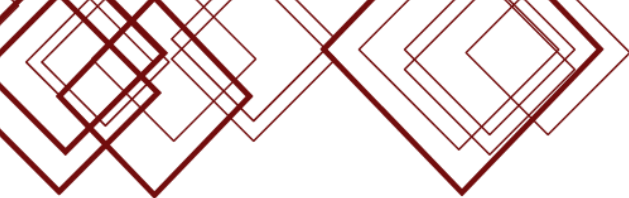
esta seção urbana de Cartago foi habilmente utilizada por Apuleio, que territorializou o teatro citadino como um lugar privilegiado para proferir suas performances oratórias e filosóficas.

Considerações finais

Apuleio, por intermédio de suas *laudationes*, alcançou um público variado e extenso. A partir do *pulpitum* do teatro de Cartago, seus discursos eram ouvidos por uma multidão que alcançava até 11 mil espectadores. Um auditório tão numeroso justificava a utilização do teatro como seu território por excelência, sendo este edifício um local perfeito para a consecução de seus interesses de distinção e fama como um exímio orador e filósofo. Para tanto, além de se apropriar das dependências do teatro, Apuleio também empreendeu um expediente de aproximação com membros excelsos da sociedade cartaginesa. Seus discursos eram, de preferência, endereçados a membros da ordem senatorial, com destaque para os destinados aos governadores da África Proconsular, a exemplo de Cipião Órfito e Severiano Honorino. A declamação de *laudationes* para um público seletivo que ocupava a *orchestra* e a *ima cavea* do teatro foi uma estratégia habilmente empreendida por Apuleio, celebrando publicamente relações de *amicitia* com a nata da aristocracia cartaginesa.

160

Ao levarmos em conta o estratagema político de Apuleio, percebemos que o teatro de Cartago se apresentava como uma peça central. O autor soube explorar, de forma bastante eficiente, as potencialidades do edifício e de sua arquitetura monumental, destinada, em grande medida, à visualização das peças, pantomimas e discursos proferidos no *pulpitum*. Como afirma Meneses (1983, p. 112-113), todo espaço físico é socialmente apropriado pelo homem dentro de um processo de mão-dupla, em que a cultura material é produto e vetor de relações sociais. Em suma, o teatro de Cartago, com sua estrutura arquitetônica particular, potencializava as *laudationes* de Apuleio e se caracterizava como o lugar perfeito para a exibição de sua distinção como filósofo e orador. Daí, por conseguinte, o esforço empreendido pelo autor para colocar o teatro cartaginês simbolicamente sob a sua autoridade, delimitando-o como seu território de poder.



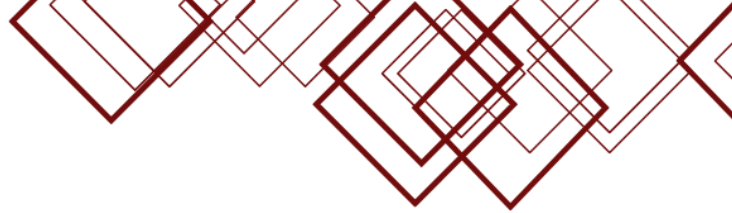
O teatro de Cartago, assim como seu entorno, deve ser compreendido como um ator relevante na própria reabilitação da *honor* de Apuleio.³² Após seu julgamento em Sabrata e as acusações de *crimen magiae* que lhe foram atribuídas em Oea, Apuleio escolheu Cartago, capital da província da África Proconsular, como uma cidade estratégica para a recuperação de seu prestígio, haja vista a disponibilidade de um espaço público condizente com suas ambições de se estabelecer como um destacado orador e filósofo. Nesse sentido, territorializar o teatro, imerso num complexo monumental conectado com as termas de Adriano e as inúmeras *domus* aristocráticas, foi fundamental para a inserção de Apuleio nos círculos da elite cartaginesa, habilitando-o ao exercício do *sacerdotium Aesculapii* e à dignidade de ter uma estátua erigida em sua homenagem na *urbs*.

Ocupar o cargo de *sacerdos Aesculapii* em Cartago era uma alta dignidade para Apuleio, demonstrando seu pertencimento ao *ordo decurionum* local. Exercer a função de sacerdote na capital da África Proconsular, um cargo concedido anualmente por meio de sufrágio, era um elemento de distinção, conferindo *status* social àquele que o possuía, sendo o seu oficiante responsável pela celebração dos ritos e sacrifícios apropriados à divindade, além da fixação das datas comemorativas e das modalidades litúrgicas correspondentes (SCHEID, 1991, p. 62-66). A estátua construída em homenagem a Apuleio, por sua vez, coroaria a carreira pública do autor,³³ visto que a ereção de tal monumento servia como um meio eficaz de celebração de sua memória frente aos concidadãos. As estátuas se caracterizavam como peças mnemônicas que resgatavam do esquecimento aqueles cuja lembrança, em alguma medida, deveria ser mantida e enaltecida publicamente (STEWART, 2003, p. 8). Nas palavras do próprio Apuleio (*Apol.*, 14, 2): “como prêmio por seus serviços, uma cidade outorgava oficialmente a alguma personagem a ereção de sua própria efígie, para que se possa contemplar [a sua recordação]”.

Tendo em vista o caráter distintivo das estátuas, ser agraciado com várias delas, em diferentes cidades – Cartago e Madaura –, demonstraria o quão eminente se tornou Apuleio na sociedade norte-africana em meados do século II. Após ter sido acusado e julgado por *crimen magiae*, o autor, como testemunham os diversos excertos presentes em *Florida*, conseguiu

³² *Honor* era um valor precioso aos indivíduos pertencentes às elites romanas. Nas palavras de Lendon (2005, p. 37), “a aristocracia romana era definida pela honra”. Juntamente com a cidadania romana, a riqueza, o nascimento ilustre e a posse da *paideia* – conjunto de conhecimentos literários, filosóficos e mitológicos fundamentais na formação do cidadão romano –, a honra era um elemento imprescindível ao próprio reconhecimento dos membros mais distintos das cidades (LENDON, 2005, p. 36).

³³ Como Emiliano Estrabão, a quem é atribuída a construção da estátua em homenagem a Apuleio, foi cônsul em 156, ele só estaria elegível para o proconsulado entre 171-172, o que situa, então, a moção da estátua por volta dessa década (JONES, 2017, p. 274; p. 304).



reverter a *opinio publica* que o estigmatizava como mago,³⁴ consolidando-se como um orador e filósofo de grande projeção. Para tanto, a consagração do teatro cartaginês como território de poder de Apuleio se mostrou fulcral, posto que potencializou a difusão das *laudationes* de um autor que “agradou [...] o Senado [municipal] e obteve a aprovação dos magistrados e dos *principes viri Africae*” (Apul., *Flor.*, XVI, 45).

REFERÊNCIAS

Documentação textual

APULEIO. *Apologia. Florida. De Deo Socratis*. Edited and translated by Christopher P. Jones. London: Loeb Classical Library, 2017.

APULEIO. *O Asno de Ouro*. Tradução, prefácio e notas de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.

APULEYO. *Apología y Flórida*. Introducción, traducciones y notas de Santiago Segura Munguía. Madrid: Gredos, 1980.

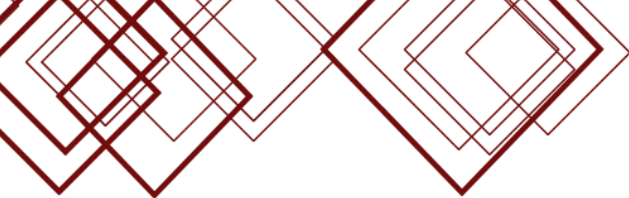
APULEYO. *Obra filosófica*. Introducción, traducciones y notas de Cristóbal Macías Villalobos. Madrid: Gredos, 2011.

AUGUSTINE. *The letters of St. Augustine*. Translated by J. Sparrow Simpson. New York: The Macmillan Company, 1919.

CÍCERO. *Sobre a amizade*. Tradução de João Teodoro d'Olim Marote. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

JUSTINIANO. *El digesto de Justiniano*. Tomo I, II, III. Traducción de A. D'Ors. Pamplona: Aranzadi, 1972.

³⁴ O termo *opinio* foi originalmente usado como uma tradução latina da palavra grega *doxa*, denotando a ideia de impressão, verdadeira ou falsa, acerca de algo, por oposição à *episteme*, que literalmente significava conhecimento. Expressões como *popularis opinio*, *communis opinio* eram utilizadas por autores latinos como Cícero e Suetônio. *Opinio* relacionava-se tanto à opinião individual quanto a certa impressão geral e pública sobre determinado assunto, como o termo *opinionum omnium* (opiniões de todos) deixa claro (FUNARI, 1999, p. 116).



LEI DAS DOZE TÁBUAS. Tradução e introdução de Janio Celso Silva Veiga. São Paulo: USP, 2008.

PAULUS. *Pauli Sententiae*. Testo e interpretation a cura di Maria Bianchi Fossati Vanzetti. Padova: Cedam, 1995.

TERTULLIAN. *Treatise on the resurrection*. Translation by Ernest Evans. London: S.P.C.K., 1960.

Documentação arqueológica

CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM: vol. VIII/ vol. VI. Berlin: Academy of Sciences and Humanities, 1881.

INSCRIPTIONS LATINES DE L'ALGERIE. Paris: Librairie ancienne honoré champion, 1922.

163

Obras de apoio

ALDROVANDI, C. E. V. Arqueologia do ambiente construído: uma incursão pelos fundamentos teórico-metodológicos. In: FLORENZANO, M. B.; HIRATA, E. F. (Orgs.). *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 13-33.

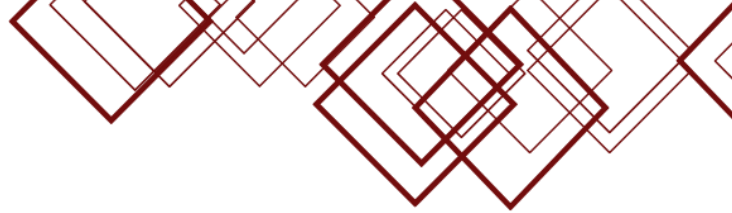
ALFÖLDY, G. *Historia social de Roma*. Madri: Alianza Editorial, 1996.

ARNAUD-PORTELLI, A. Carthage, le fonctionnement d'une métropole régionale à l'époque romaine. *Cahiers de la Méditerranée*, n. 64, p. 23-37, 2002.

BUSTAMANTE, R. M. Práticas religiosas nas cidades romano-africanas: identidade e alteridade. *Phoênix*, n. 5, p. 325-348, 1999.

CAMPOS, N. F. D. *Amizades romanas: considerações acerca dos discursos sobre a amicitia*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2012.

COLLINS, D. *Magic in the ancient greek world*. London: Blackwell Publishing, 2008.



D'ENCARNAÇÃO, J. *Epigrafia: as pedras que falam*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

DUNCAN-JONES, R. P. The chronology of the priesthood of Africa Proconsularis under the principate. *EpigStud*, n. 5, p. 151-158, 1968.

ENNABLI, A. Carthage romaine. *Vie des arts*, v. 18, n. 73, p. 22-26, 1974.

FOURNIER, J. Rome et l'administration judiciaire provinciale. In: HURLET, F. (Org.). *Rome et l'occident: gouverner l'empire*. Rennes: Presses Universitaire de Rennes, 2009, p. 207-227.

FUNARI, P. P. Propaganda, oralidade e escrita em Pompéia. *História*, n. 17/18, p. 115, 126, 1999.

FURLANI, J. C. O uso dos conceitos de cidade e espaço em História Antiga: João Crisóstomo e a cristianização de Constantinopla como estudo de caso. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 12, p. 86-107, 2018.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1989.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

164

GRIMAL, P. *As cidades romanas*. Lisboa: Edições 70, 2003.

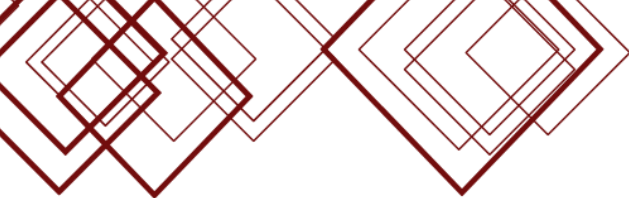
GROS, P. Le premier urbanisme de la Colonia Julia Carthago. *L'Afrique dans l'Occident romain*, p. 547-573, 1990.

GUIZANI, S. Urbanisme et architecture domestique à Carthage: le quartier des villas romaines. In: GUIZANI, S. *Urbanisme et architecture en Méditerranée antique et médiévale à travers les sources archéologiques et littéraires*. Tunis: Institut Supérieur des Sciences Humaines de Tunis, 2013, p. 200-209.

JONES, C. P. General introduction and notes. In: APULEIUS. *Apologia. Florida. De Deo Socratis*. London: Loeb Classical Library, 2017, p. vii-xvii.

KORMIKIARI, M. C. B. Urbanismo romano no Norte da África: considerações a partir da documentação arqueológica. In: LIMA NETO, B. M.; SILVA, E. C. M. da.; SILVA, G. V. da (Orgs.). *Formas e imagens da Cidade Antiga*. Vitória: Milfontes, 2020.

LENDON, J. E. *Empire of honour*. New York: Oxford University Press, 2005.



LIMA NETO, B. M. *Entre a filosofia e a magia: o caso da estigmatização de Apuleio na África romana (séc. II d.C.)*. Curitiba: Prismas, 2016.

LÖW, M. O spatial turn: para uma sociologia do espaço. *Tempo social: revista de sociologia da USP*, v. 25, n. 2, p. 17-34, 2013.

MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do norte. In: MOKHTAR, G. (Coord.). *História geral da África*. São Paulo: Ática, 1985, p. 473-509.

MARROU, H. I. *A history of education in antiquity*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1956.

MARTINS, M.; SILVA, G. V. Cidade antiga e sociedade: narrativas e diálogos interdisciplinares. *Atas do II Congresso Histórico Internacional: as cidades na história – sociedade*, p. 75-108, 2019.

MENDES, N. M.; OTERO, U. B. Religiões e as questões de cultura, identidade e poder no império romano. *Phoênix*, n. 11, p. 196-220, 2005.

165

MENESES, U. B. de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n. 115, p. 103-117, 1983.

NORMAN, N. J. The architecture of the circus in the light of 1982 Season. In: HUMPHREY, J. H. (Ed.). *The circus and a Byzantine cemetery at Carthage*. Ann Arbor: University of Michigan, 1988, p. 7-31.

OPEKU, F. Popular and higher education in Africa proconsularis in the second century A.D. *Scholia*, v. 2, p. 31-44, 1993.

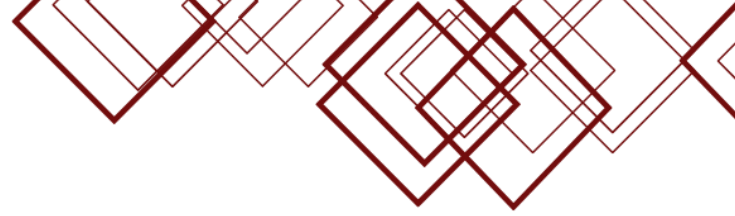
PEDLEY, J. G. (Ed.). *New light on ancient Carthage*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1980.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAPOPORT, A. *The meaning of the built environment*. Tucson: University of Arizona Press, 1990.

REDE, M. História e cultura material. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 133-150.

RIVES, J. B. The priesthood of Apuleius. *The American journal of Philology*, v. 115, n. 2, p. 273-290, 1994.



- ROS, K. E. The roman theater at Carthage. *American Journal of Archaeology*, v. 100, n. 3, p. 449-489, 1996.
- SALLER, R. Status and patronage. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. (Eds.). *The Cambridge ancient history: the high empire (70-192)*. Cambridge: Cambridge University, 2008, p. 817-854.
- SCHEID, J. O sacerdote. In: GIARDINA, A. *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 51-72.
- SEAR, F. *Roman theatres: an architectural study*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- SILVA, G. V. da. A formação dos cidadãos do céu: João Crisóstomo e a christon paideia. *Acta Scientiarum*, v. 32, n. 1, p. 7-17, 2010.
- SILVA, G. V. da. Representação social, identidade e estigmatização: algumas considerações de caráter teórico. In: FRANCO, S. P.; LARANJA, A. L.; SILVA, G. V. da (Orgs.). *Exclusão social, violência e identidade*. Vitória: Flor e Cultura, 2004, p. 13-30.
- SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-101.
- STEWART, P. *Statues in roman society*. London: Oxford University Press, 2003.
- SYME, R. Proconsuls d'Afrique sous Antonin le Pieux. In: BADIAN, E. (Ed.). *Roman papers*. Oxford: Clarendon Press, 1979, p. 461-469.
- WIGHTMAN, E. M. The plan of roman Carthage. In: PEDLEY, J. G. (Ed.). *New light on ancient Carthage*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1980, p. 29-46.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.